

Nossa Senhora de Fátima

Título original: *Our Lady Of Fatima*

Copyright © 1996 by Helen Walsh

Capa
Gabriela Haeitmann

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Walsh, William Thomas
Nossa Senhora de Fátima / William Thomas Walsh — 3ª ed. — São Paulo: Quadrante Editora, 2023.

ISBN: 978-85-7465-287-0

1. Milagres de Nossa Senhora 2. Cristianismo I. Título

CDD—232.915

Índices para catálogo sistemático:

1. Milagres de Nossa Senhora: Cristianismo 232.915

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 11 3873-2270
CEP 01252-020 - São Paulo - SP
www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br

WILLIAM THOMAS WALSH



3ª edição

Tradução e revisão histórica
Emérico da Gama

 QUADRANTE

Sumário

O primado de Deus	7
Prefácio do autor	15
CAPÍTULO I	
Lúcia dos Santos	21
CAPÍTULO II	
Francisco e Jacinta. «Algum embrulhado no lençol»	37
CAPÍTULO III	
Brincadeiras e devoções	53
CAPÍTULO IV	
O anjo da paz	65
CAPÍTULO V	
Treze de maio de 1917	77
CAPÍTULO VI	
«Ides ter muito que sofrer»	91
CAPÍTULO VII	
Treze de junho	105
CAPÍTULO VIII	
Treze de julho. A visão do inferno	117
CAPÍTULO IX	
«Se eu o pudesse consolar!»	131

CAPÍTULO X	
Treze de agosto. O sequestro	145
CAPÍTULO XI	
Dezenove de agosto. Os valinhos	163
CAPÍTULO XII	
Treze de setembro. Os interrogatórios	181
CAPÍTULO XIII	
Treze de outubro. O milagre do sol	201
CAPÍTULO XIV	
Primeiras reações	223
CAPÍTULO XV	
«Nossa senhora não tarda a vir buscar-me»	231
CAPÍTULO XVI	
«Muitos sacrifícios pelos pecadores»...	249
CAPÍTULO XVII	
«Tu ficas cá mais algum tempo»	271
CAPÍTULO XVIII	
Irmã Maria das Dores	285
CAPÍTULO XIX	
As «Memórias»	297
Epílogo	317
Apêndice	325
Apêndice à segunda edição	341
Quadro cronológico	371
Notas	377
Bibliografia	381

O primado de Deus

D. Alberto Cosme do Amaral,
Bispo emérito do Santuário de
Nossa Senhora de Fátima

Não é fácil dizer qual é o núcleo central da Mensagem de Fátima, pois ela reveste-se de muitos aspectos, todos eles importantes, e deve ser analisada no sentido mais abrangente.

Por Mensagem devemos entender aqui o significado de todos os acontecimentos de ordem sobrenatural, que vão da primeira aparição do Anjo, possivelmente na Primavera de 1916, aos fatos de Pontevedra-Tuy (Espanha), em 1929: geograficamente, os lugares principais são a Loca do Cabeço, a Cova da Iria e o convento das Irmãs Doroteias, em Pontevedra.

Mas, de todos, o fato mais significativo e consequentemente mais importante foi a profunda transformação operada nos Videntes, que não se pode explicar de modo natural. Mais importante que o milagre do Sol, será, porventura, a conversão das crianças de Aljustrel.

Durante muito tempo, afirmou-se a impossibilidade de as crianças praticarem virtudes heroicas. Contrariando esta opinião, a 13 de maio de 1989, o Papa João Paulo II

assinou o decreto de heroicidade das virtudes cristãs relativamente a Francisco e Jacinta Marto, concedendo-lhes o título de Veneráveis.*

Em minha opinião, o fulcro da Mensagem encontramos-lo nas manifestações da Loca do Cabeço.

De modo explícito ou implícito, podemos dizer que na Mensagem está contida toda a fé da Igreja. Ora, a primeira verdade da nossa fé é a existência de Deus, uno e trino. Todos os símbolos de fé começam por esta afirmação.

Acontece que na oração ensinada pelo Anjo aos Videntes se afirma a primazia de Deus, princípio sem princípio, Senhor e fim da História:

Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não Vos amam (1ª aparição). Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, adoro-Vos profundamente... (3ª aparição).

Num século ateu e antiteísta (basta lembrar o marxismo ateu), o Mensageiro celeste vem dizer que é urgente regressar a Deus, quando a humanidade caminha a passos largos para abismos de autodestruição.

Por isso o Papa afirmou que «a Mensagem de Fátima é a mensagem do século». E na sua primeira peregrinação a este Santuário disse: «O apelo de Maria não é para uma vez só. Ele continua aberto para todas as gerações que se renovam, para ser correspondido de acordo com os sinais dos tempos... sempre novos.

* Francisco e Jacinta Marto foram canonizados pelo Papa Francisco em 13 de maio de 2017, centenário da aparição. (N. do E.)

A ele se deve voltar incessantemente. Há que retomá-lo sempre de novo».*

Passados catorze anos, estas palavras são de uma atualidade pungente e impelem-nos a tomar a sério a Mensagem.

É evidente que os pastorinhos de Aljustrel viveram todos os aspectos desta Mensagem.

Mas no Francisco vamos encontrar prevalentemente o contemplativo, o adorador silencioso de Deus, de «Nosso Senhor», como ele gostava de dizer.

*Santo Agostinho dá-nos uma ideia de contemplação nestes termos: «Uma santa embriaguez que afasta a alma da caducidade das coisas temporais e que tem por princípio a intuição da luz eterna da sabedoria»**.*

Era assim o Francisco, depois das aparições do Anjo. Abandonou os brinquedos de criança, o pífaro, que tanto gostava de tocar, sentado nos penedos da serra.

Depois que viu o Anjo e recebeu a Comunhão, não dormiu naquela noite: «Eu sabia que Deus estava em mim, mas não sabia como era». E, prostrado por terra, como vira fazer ao Anjo, ficava longo tempo em adoração. Quantas vezes abandonava a irmã e a prima e se escondia atrás duma parede, dumas árvores! Gostava mais de rezar sozinho.

Uma vez desapareceu: as companheiras gritavam por ele, até que o encontraram prostrado: — Francisco, não ouviste os nossos gritos? — Não! — Que estavas a fazer? — Não sei como foi: lembrei-me da oração do Anjo e fiquei a pensar.

* João Paulo II, Homília, 13.05.82.

** Cit. por Royo Marín, *Teologia da Perfeição*.

Os teólogos descrevem-nos as características da contemplação infusa. Se estudamos bem a vida do Francisco, descobrimos muitas delas: presença de Deus sentida; invasão da alma pelo sobrenatural; impossibilidade de provocar pessoalmente tal estado de alma; conhecimento experimental de Deus, obscuro e confuso; maior passividade que atividade pessoal; dificuldade em falar destas experiências; impulso para viver as virtudes cristãs.

O contemplativo ama o silêncio, a solidão exterior, para mergulhar no mistério de Deus com maior serenidade.

A esta luz compreendemos melhor as palavras e atitudes do Francisco: «Nós estávamos a arder naquela luz que é Deus e não nos queimávamos. Como é Deus? Não se pode dizer! Se eu O pudesse consolar! Gosto mais de rezar sozinho para pensar e consolar Nosso Senhor. Gosto tanto de Deus!»

Não exagero se disser que na vida espiritual do Francisco, que conserva as características da sua condição de criança, encontramos algo dos grandes místicos: Francisco de Assis, Inácio de Loyola, Teresa de Jesus, João da Cruz...

Por isso considero que o núcleo da Mensagem de Fátima está exatamente na afirmação do primado de Deus.

É urgente que o homem recupere o sentido de Deus, da adoração, da contemplação.

A contemplação de Deus é o fim último da nossa vida: contemplar, adorar, cantar, amar a Deus, uno e trino, é a condição dos bem-aventurados, por toda a eternidade.

Também muitos de nós, católicos, perdemos o sentido de Deus e do pecado. Nós, que devíamos gritar o nome de Deus por sobre todos os telhados do mundo

não O metemos na nossa vida, falamos dEle entre parêntesis.

É o que acontece particularmente na Europa Ocidental e, por arrastamento, nos Estados Unidos da América, bem como no Canadá.

Todos os que pelo Batismo se tornaram filhos de Deus são chamados à união íntima com Ele, à contemplação. Perante a incoerência de tantos católicos, que provocaram o divórcio entre a fé e a vida, como nos faz bem saber que o Francisco se esforçou por harmonizar a vida com as verdades que ia descobrindo!

«Era o mais religioso de todos», dizia a mãe.

Os acontecimentos sobrenaturais de que foi protagonista operaram nele uma «transfiguração», um «endeusamento» manifestos.

Tinha na devida conta as orações vocais. «Gostava muito de rezar o terço — diz a mãe — como era costume na família».

E os testemunhos multiplicam-se: «Depois das aparições, sobretudo, Francisco tinha uma devoção extraordinária pelo Rosário. Muitas vezes o vi em casa e fora com a coroa do Rosário que ele recitava sozinho».

A sua fé levou-o a fazer da vida uma oração contínua, mediante a repetição frequente de pequenas jaculatórias, as longas horas junto do Sacrário, comunhões espirituais, atos de reparação e desagravo, mortificações voluntárias, que são como que a oração dos sentidos.

Como o seu homônimo de Assis, ele podia dizer que Deus era o «seu tudo».

O Bem-aventurado Josemaría Escrivá afirmou em Caminho que estas crises mundiais são crises de santos.

Vivemos uma das maiores crises da história, em que até alguns católicos se interrogam: «Para que servem os santos?»; «haverá ainda lugar para eles nos tempos de hoje?»

Há anos pude escrever: «Hoje faz-se erradamente apelo a uma santidade mais conforme com a dignidade da pessoa humana, sem ascese, sem renúncia, sem obediência, sem mortificação, sem domínio de si próprio. Uma santidade moderna, em que não há lugar para a oração, para a contemplação; uma santidade que, fugindo ao infinito de Deus, ajoelha perante o absoluto do homem; uma santidade mais inserida, mais encarnada, mais social. Uma santidade que facilmente deixa na sombra a ação da graça e a eficácia dos sacramentos; que não é primordialmente dom de Deus, mas conquista do homem».

É claro que neste quadro, profundamente falso e ilusório, há alguns aspectos aceitáveis. Por exemplo: a santidade não pode meter-nos num puro intimismo. Mas é na intimidade com Deus que encontramos as razões de nos darmos aos homens. Não podemos esquecer que Deus está primeiro, que a atividade está subordinada à oração, da qual procede. Os grandes contemplativos são os grandes homens para os homens. Os mosteiros de clausura asseguram a fecundidade do apostolado ativo.

Para que servem os santos? Para dizerem ao homem de hoje que só em Deus encontra a sua plenitude, que só Deus pode preencher todos os vazios. Quem se afasta de Deus, o Ser de todos os seres, vem a cair no nada. Só o santo, enamorado do Ser, é capaz de resistir à voragem

do parecer, à miséria do ter. Só o santo «encontrou a solução do problema do homem».

Há uma única maneira de ser santo: dar-se a Deus, sumamente amado; nEle e por Ele dar-se a todos os homens.

A lição viva do Francisco e da Jacinta é desafio gritante que devemos acolher de coração aberto.

E seremos semeadores de paz e de alegria.

Fátima, 13 de maio de 1996

† Alberto

Prefácio do autor*

A mais singular e a mais bela das histórias que já ouvi refere-se a um episódio que se deu entre 1916 e 1920, na região montanhosa chamada Serra d'Aire, centro geográfico de Portugal. Três pastorinhos — dos quais duas meninas, a mais velha de dez anos e a mais nova de sete, e um menino de nove — contaram ter visto seis vezes uma Senhora toda vestida de luz, em cima de um arbusto. Falava-lhes e logo após desaparecia. Na última das aparições, na presença de setenta mil pessoas, realizou um admirável milagre para provar a veracidade do que as crianças diziam.

Dois dos pastorinhos morreram pouco depois, como a Senhora predissera. O tempo confirmou mais tarde as outras profecias: a revolução bolchevista, os horrores da Segunda Guerra Mundial e a ameaça do marxismo, que chegou a pairar sobre o mundo todo. A Senhora afirmou que, se os seus desejos fossem atendidos, Ela haveria de converter a Rússia e a paz reinaria no mundo; do contrário, muitas nações da terra seriam flageladas e escravizadas.

A terceira pastorinha vive ainda. Tinha quarenta anos por ocasião deste relato, e residia como Irmã

* Aposto à primeira edição do livro em 1947.

leiga no Instituto de Santa Doroteia, sob o nome de Maria das Dores*. Tive ocasião de conversar demoradamente com ela, e nessa longa conversa pude colher elementos preciosos para este livro, que além disso se baseia amplamente nas quatro primeiras *Memórias* escritas por ela.

A mensagem que lhe cumpria revelar fora-lhe confiada, estou convencido, por Aquela que é, efetivamente, a Rainha do Céu e da Terra, Aquela cuja beleza, poder e bondade foi o tema dos profetas e dos santos, durante centenas de anos. Dela escreveu Isaías: *Uma virgem conceberá e dará à luz um filho...* E Salomão perguntou: *Quem é essa que surge como a aurora, bela como a lua, brilhante como o sol, terrível como um exército em ordem de batalha?* O Arcanjo Gabriel saudou-a com estas palavras: *Salve, cheia de graça! O Senhor é contigo. És bendita entre todas as mulheres!*, e Ela profetizou mais tarde: *Doravante, todas as gerações me chamarão bem-aventurada.*

Por várias vezes essa Senhora mudou o curso da história. O seu Rosário, pregado por São Domingos, lançou por terra a heresia dos albigenses, que ameaçava destruir a sociedade europeia. Conservou durante séculos, na Irlanda, a fé vivida e o amor à liberdade. Conseguiu a vitória dos cristãos na batalha de Lepanto, salvando a cristandade do domínio muçulmano. Foi sob a sua especial proteção que Colombo partiu

* Mais tarde, em 31 de maio de 1949, professou no Carmelo de Coimbra com o nome de Irmã Maria Lúcia do Coração Imaculado. Irmã Lúcia completou 89 anos no dia 22 de março de 1996. Faleceu em 2005, aos 97 anos. O Papa Francisco reconheceu suas virtudes heroicas em decreto de 22 de junho de 2023, concedendo-lhe o título de Venerável. (N. do E.)

para descobrir o Novo Mundo, trocando o nome da sua nau *Maria Galante* pelo de *Santa Maria*. Todas as tardes, assim que o crepúsculo começava a envolver o desconhecido e terrível Mar dos Sargaços, os seus marinheiros reuniam-se no convés para entoar o hino das Vésperas:

*Salve, Rainha, Mãe de Misericórdia,
Vida, doçura, Esperança nossa,
Salve!...*

Os católicos das Américas, seguindo essa tradição, puseram os seus países sob a proteção de Maria Imaculada, e não se pense que qualquer «Nova Ordem» do mundo, por violenta que seja, há de poder empanar-lhe a memória! Porque no final dos tempos, antes da consumação dos séculos, aparecerá no céu o sinal predito por São João no Apocalipse: *uma Mulher vestida de sol, com a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça*.

Ninguém que creia em Deus e na imortalidade da alma poderá ter por inverossímil que a Mãe de Cristo, o Verbo Encarnado, se tenha revelado, nas várias crises do mundo, a pessoas privilegiadas. Dessas aparições, muitas foram confirmadas, como nos tempos modernos as de Lourdes a Santa Bernadette. Mas, por que deveria Nossa Senhora aparecer em Portugal, em 1917, e num lugar tão deserto e inacessível como é a Serra d'Aire? Antigamente, levava-se um dia inteiro para chegar a Fátima; percorriam-se esses cento e cinquenta quilômetros ao norte de Lisboa,

primeiro de trem e depois de ônibus ou automóvel. A não ser uma vasta charneca de escassa vegetação, onde pastava algum mirrado rebanho de ovelhas, nada havia digno de nota nessa região avermelhada e requeimada pelo sol; apenas surgiam, aqui e acolá, algumas aldeolas pobres onde camponeses humildes viviam austeramente*.

Ao tentarmos uma explicação para este fenômeno, devemos compreender que a Mãe de Cristo aparece onde Deus quer e onde lhe apraz. Os portugueses pensam ter sido favorecidos, se não porque Portugal foi sempre chamado *a terra de Santa Maria*, pelo menos porque os humildes das cercanias de Fátima costumavam reunir-se para rezar o terço com incontida devoção; costume esse que perdurou, mesmo durante os séculos que em outros lugares foram marcados por tantas apostasias e revoluções.

A Cova da Iria, um lugar agreste a poucos quilômetros a oeste de Fátima, recebeu esse nome, provavelmente, por lá ter sido construída, outrora, uma ermida em honra da jovem mártir Santa Iria ou Irene. A menos de duas dezenas de quilômetros para leste, junto à estrada, ergue-se, como resultado de um voto feito pelo rei D. João I, em 1385, uma das mais belas igrejas góticas do mundo: o imponente e gracioso Mosteiro da Batalha. O então Condestável de Portugal, que

* Muitas coisas aconteceram depois de 1947 que alteraram por completo, a fisionomia do espaço material em que decorreu a experiência impulsionadora da obra de Walsh. A paisagem urbana e a situação de Fátima mudaram muito nos últimos anos. Desde 1991, uma autoestrada interliga as duas principais cidades portuguesas, Porto e Lisboa, com uma saída para Fátima que desemboca a poucos metros do atual Santuário (N. do E.).

comandava os exércitos de D. João I, era Nun'Álvares Pereira, um herói de 25 anos que brandia uma espada em cuja lâmina gravara o nome *Maria*. Nun'Álvares mandou levantar nada menos que seis igrejas em honra de Nossa Senhora; dessas, talvez a mais bela seja o convento e a capela dos carmelitas em Lisboa. Foi aí que, após quarenta anos de serviços prestados ao seu rei, depondo a espada aos pés da Virgem, o Condestável se retirou para vestir o hábito da sua Ordem e tomar o nome de Frei Nuno de Santa Maria. Quinhentos anos mais tarde, aproximadamente, foi ele beatificado por Bento XV. A sua espada «*Maria*» pode ainda ser vista na igreja do Carmo, em Lisboa, na mão do profeta Elias.

Foi entre essas montanhas, santificadas por tantas memórias e tradições, que Nossa Senhora apareceu. E é da máxima importância sublinhar que Ela desceu à terra (pouco importa o lugar onde isso se deu) para trazer à humanidade um pedido e uma admoestação.

Este livro não é uma obra de ficção. Devo os principais diálogos à memória precisa da Irmã Maria das Dores.

O interesse da história em si — que já seria bem grande, mesmo que tivesse sido produto da imaginação — é insignificante comparado com a mensagem que a sua divina Autora se propôs revelar. Voltei de Portugal convencido de que nada é mais importante do que propagar o que a Mãe de Deus pediu nessas aparições de 1917, tão deturpadas, tão incompreendidas pelos mais diversos motivos.

O futuro da nossa civilização, da nossa liberdade, da nossa própria existência pode depender da aceitação rendida desses pedidos da Mãe de Deus.

Lúcia dos Santos

Oitocentos metros ao sul de Fátima, encontra-se a vila de Aljustrel, situada de um lado e do outro de uma rua sinuosa, empedrada com seixos chatos e ovais, e tão estreita que mal comporta uma junta de bois. As casas, telheiros e pátios estão ligados por um muro alto que corre ao longo dos dois lados da rua, e nele parecem inserir-se como contas de formas e tamanhos bizarros. As janelas são raras e pequenas, pois as rajadas frias do vento noroeste que sopra do Atlântico, cortando as montanhas, são tão inclementes como a soalheira abrasadora do verão. Daí que essas moradias atarracadas, de um só pavimento, com as suas telhas vermelhas e paredes caiadas, tenham um ar distante e velado, como se cada uma guardasse um enorme segredo.

É um dia de semana, e os homens estão no campo; mas, entrando e saindo dos interiores sombrios, veem-se passar mulheres baixas, de feições finas, crianças de olhos lindos, dentes brilhantes, movimentos graciosos e porte ereto, mesmo sob o peso dos doze a quinze litros de água que transportam em cântaros de barro. Os pés descalços, empoeirados mas bem feitos, não parecem sentir as asperezas das pedras pontiagudas, nem tampouco as faces risonhas denotam contrariedade com as moscas e outros insetos que zumbem, no verão, em torno dos pátios e

estrebarias onde se encerram os animais. Um burro zurra, um cão ladra, um galo canta, uma junta de bois arrasta-se pesadamente pela estrada afora... O ar está saturado de odores, entre os quais se podem distinguir o dos pinheiros agrestes e dos arbustos sempre verdes, o das hortelãs silvestres e das cebolas, das ovelhas, cabras e galinhas; e dominando-os todos, o odor acre e úmido do solo. Não há nada aqui que lembre o cheiro a pescado de Lisboa ou do Porto. Os rubros campos e o vestuário dessa gente estão impregnados de aromas. Assim é Aljustrel, onde em 28 de março de 1907 nasceu Lúcia dos Santos, agora a mundialmente conhecida Irmã Lúcia*.

A casa em que cresceu, e que os peregrinos hoje visitam, é a mesma em que mora a sua irmã mais velha, Maria dos Anjos**, mulher paciente e cortês, de olhos escuros e sinceros. A sala de estar está rusticamente mobiliada com uma mesa, uma cadeira e duas velhas arcas de madeira, onde se guardam roupas e mantimentos; alguns quadros piedosos enfeitam a parede nua. Uma abertura no telhado, bem sobre um orifício no teto de madeira, deixa entrar um raio de sol que permite perceber melhor, num pequeno quarto adjacente, o velho tear que pertenceu à mãe de Lúcia. Há somente um quarto de dormir, com uma cama de ferro que ocupa a metade do quarto. Um vaso de plantas

* Lúcia nasceu a 28 de março, mas foi registrada com data de 22 do mesmo mês (N. do E.).

** Maria dos Anjos era usufrutuária dessa casa, que tinha pertencido aos seus pais, ao passo que Lúcia era a herdeira. A casa foi doada pela vidente ao Santuário, e, depois do falecimento de Maria dos Anjos, a 26.08.1986, restaurada e transformada em museu das aparições (N. do E.).

repousa no peitoril da janela minúscula. Maria dos Anjos explica que também a cama pertencia à casa de seus pais, e que nela nasceu Lúcia.

Lúcia era a caçula, e Maria a mais velha dos sete filhos de Antônio dos Santos, pequeno agricultor e criador de ovelhas que possuía algumas terras em vários lugares da Serra d'Aire. Era um homem de aparência agradável, olhos escuros e apaixonados. Sua esposa, Maria Rosa, era católica praticante, fervorosa, um tanto severa, baixa, corpulenta e forte; seus traços varonis refletiam uma doçura grave, e só em raras ocasiões se distendiam num sorriso maternal. As futilidades não lhe interessavam; nunca tivera tempo para isso.

Foi essa mãe de forte tempera que Lúcia rememorou quando, ao escrever as suas *Memórias*, começou a evocar as primeiras reminiscências. Pôde lembrar-se de como se aninhava entre esses braços rijos, e de como, já desde então, tinha consciência da sua personalidade e das suas próprias ações. Uma das primeiras coisas de que se recorda é de ter aprendido a Ave-Maria dos lábios maternos. Esta antiga oração, que começa com as palavras de um anjo, é bela em todas as línguas, mas, em português, as sílabas parecem adquirir um ritmo peculiar e inesquecível: «Ave, Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém».

Lúcia conserva também outras lembranças, talvez menos edificantes. Não poucas vezes, por exemplo, entrava em verdadeiras brigas com uma ou outra das

quatro irmãs mais velhas, que sempre saíam vitoriosas e a deixavam chorando aos gritos no chão, até que a mãe a levantava e acariciava. Lembra-se ainda, apesar de muito criança, da época em que imperava a paixão pela dança, que aliás seduz mais os camponeses do que quaisquer outros seres humanos. Isto aplicava-se especialmente às duas irmãs já moças, Maria dos Anjos e Teresa. E ocasiões não faltavam em Aljustrel. Sempre se podia contar com um baile em algum lugar no Carnaval e nos dias festivos: na festa do Sagrado Coração de Jesus e de Santo Antônio em junho, de Nossa Senhora do Rosário em outubro, e, naturalmente, pelo Natal e pela Páscoa. Além disso, Maria Rosa era muito requisitada, não só como madrinha ou festeira, mas como cozinheira de notória habilidade, onde quer que houvesse um casamento numa daquelas doze aldeolas disseminadas pelas cercanias da Serra. E as filhas mais velhas raramente deixavam de acompanhá-la.

O problema do que fazer com a menininha nessas ocasiões era facilmente resolvido. Se bem que mal pudesse andar, e menos ainda dançar, as irmãs ataviavam-na com uma saia pregueada, um cinto brilhante, um lindo lenço de *cachenê* com as pontas caídas para trás, e, o que mais a encantava, um elegante chapeuzinho, cintilante de contas douradas e penas de várias cores. Era então carregada nos fortes braços maternos pelo labirinto dos caminhos estreitos, que ziguezagueavam através dos campos pedregosos, entre altos muros de pedras; e quando principiava a dança, depois dos comes-e-bebes, colocavam-na resolutamente, como

medida de segurança para não ser pisada, sobre uma dessas arcas de madeira que constituíam a peça mais importante da mobília das salas de estar. Dessa altura, a frágil menina podia apreciar as faces ruborizadas e os pés que sapateavam ligeiros, e ouvir os sons fascinantes que partiam de uma guitarra ou de um acordeão. Dentro em pouco, porém, começaria a dormitar e a encolher-se contra a parede até a hora de voltar para casa, quando — e isso na maioria das vezes — já os primeiros raios da aurora clareassem o céu, lá pelas bandas do Oriente; pois as suas irmãs nunca se cansavam de bailar ao som das valsas, que eram o furor da época.

Na residência dos pais de Lúcia, também havia muitas reuniões. No verão, os rapazes e moças reuniam-se no pátio, à sombra de três grandes figueiras, e, durante o inverno, debaixo de um alpendre junto da casa. Nessas ocasiões, Maria Rosa sentava-se à soleira da porta da cozinha, que dava para o pátio, e de lá seguia tudo o que se passava dentro e fora de casa: umas vezes, com um livro na mão, que ia lendo; outras, mantendo dois dedos de prosa com alguma parente ou vizinha, enquanto os jovens jogavam ou conversavam. «Conservava sempre a sua seriedade habitual», relata a própria Lúcia, «e todos sabiam que o que ela dissesse era como uma escritura e que era preciso obedecer-lhe sem demora»¹. Era voz corrente que ela valia mais que todas as filhas juntas. Talvez fosse um exagero, mas não devia desagradar-lhe.

Maria Rosa era em Aljustrel uma das poucas pessoas que sabiam ler. «Não sei que gosto esta

gente possa ter em andar falando pelas casas dos outros» — costumava dizer —; «para mim, não há nada que chegue a uma leitura sossegadinha em minha casa. Estes livros trazem coisas tão bonitas! E a vida dos santos, que beleza!»² Quase todos os seus livros eram, com efeito, piedosos. Gostava de ensinar o catecismo aos filhos: durante o verão, nas horas de sesta; e no inverno, após o jantar, enquanto assavam e comiam castanhas. Na Quaresma, lia trechos da Paixão de Nosso Senhor e livros sobre a necessidade da oração e da penitência. Depois do jantar, quando o sr. Antônio e o filho Manuel já tinham regressado do campo e as velas aumentavam o fulgor da lareira, as irmãs mais velhas e o pai gostavam de contar antigas histórias de gigantes, castelos mal-assombrados e princesas encantadas. Lúcia, naturalmente, deliciava-se em ouvi-las. A mãe aproveitava a oportunidade para, entre as narrações profanas, contar algo mais edificante.

Aos domingos, Maria Rosa, o marido e as filhas iam assistir à missa na igreja matriz de Fátima. A antiga igreja sofreu muitas modificações e foi reconstruída em parte de 1917 para cá. O soalho, de tábuas largas, dividido por um corredor de ladrilhos, estende-se do pórtico até meio caminho do presbitério; nesse ponto, sob um arco romano, há um pequeno degrau onde começava a antiga igreja. As paredes estão revestidas de azulejos brancos, azuis e amarelos, desde o chão até à altura de um metro e oitenta centímetros, aproximadamente. De cada lado, um confessionário, e, em direção à fachada da igreja, um terceiro, portátil, para o caso de ser necessário. Ao invés de genuflexórios,

uns largos bancos de madeira, rústicos e instáveis. O teto, de um verde azulado e bastante alto, dá ao ambiente uma impressão de dignidade e solenidade, se não de grandeza. A cúpula sobre o altar-mor é de um azul intenso, crivado de estrelas.

Algumas das imagens são extraordinariamente vivas. Há uma de Santo Antônio, padroeiro da igreja, protegida por uma redoma de vidro. À esquerda, em frente da nave, vê-se outra imagem, que, a julgar pelo seu próprio relato, devia atrair o olhar de Lúcia e despertar-lhe muita devoção: uma Nossa Senhora do Rosário, revestida de túnica vermelha e um manto azul enfeitado de ouro, com um Menino Jesus de semblante tristonho nos braços; o próprio rosto da Virgem é bastante sério, quase severo, ao passo que os olhos, de um castanho claro, são atraentes e perscrutadores; tem numa das mãos um rosário de quinze dezenas. Um pouco mais abaixo, uma imagem de Santa Quitéria, a jovem mártir, com o seu vestido cor-de-rosa salpicado de estrelas e um cingulo azul. Era diante dessas imagens que Lúcia, em criança, costumava ajoelhar-se para rezar.

Perto do altar do Sagrado Coração, venera-se agora uma estátua de Nossa Senhora de Fátima. Os seus olhos, de um castanho escuro e expressão meiga, pousam com suave afeto sobre os que a contemplam; as vestes são de um azul-pálido.

À direita, observa-se um crucifixo que causa impressão: o corpo do Crucificado, baixo e truncado, como um português das montanhas, está coberto de sangue rubro, da cabeça aos pés. Um pouco mais acima, um

quadro original de Nossa Senhora do Carmo: o Menino Jesus em seus braços segura um escapulário em cada mão, e ambos contemplam uma cena do Purgatório; enquanto algumas almas se precipitam nas chamas, desviando tristemente os olhos da Mãe e do Menino, um jovem é arrancado do abismo por um anjo e uma moça é libertada.

Aos domingos e dias de preceito, acorriam grupos de famílias vindos das aldeolas da Serra d'Aire, que esperavam pela hora de entrar na igreja espalhando-se pelos campos baldios das proximidades, com os seus cântaros de barro, cestas de provisões, burros, mulas e carroças de várias espécies. Da sua casa, por trás da igreja, o pároco passava por eles, cumprimentando-os afavelmente. O sino do campanário espraiava as suas notas sonoras por milhas além, através do ar límpido e ensolarado. As mulheres entravam e ocupavam os bancos perto do presbitério, enquanto a maior parte dos homens e dos rapazes, salvo os que iam comungar, permaneciam no fundo. Começava então a Santa Missa.

Nesse tempo, era costume prepararem-se as crianças para a Primeira Comunhão lá pelos nove ou dez anos de idade. Mas em 1910, quando Lúcia contava apenas três, o Papa Pio X relembrou num decreto as palavras formais de Cristo: *Deixai vir a mim as criancinhas e não as afasteis* (Lc 18, 16). Possivelmente, Maria Rosa conhecia esse documento, porque, quando a sua pequena tinha apenas seis anos, achou que já podia preparar-se para receber Jesus oculto no Santíssimo Sacramento; ajudada pela filha Carolina, que tinha

onze anos e já fizera a Primeira Comunhão, começou a ensinar-lhe as respostas às perguntas do primeiro Catecismo; e quando, por fim, lhe pareceu que a sua aluna estava suficientemente preparada, mandou-a assistir, em companhia da irmã, às aulas de doutrina que o prior dava às crianças.

Sentado numa cadeira sobre o estrado da sacristia, o pároco chamava Lúcia para junto de si e, quando alguma criança não sabia responder às suas perguntas, mandava a ela responder-lhe: «Quem criou o mundo?», «Quantos deuses há?», «Que é o homem?», «Por que nos criou Deus?», «Que devemos fazer para nos salvar?», e assim por diante. Lúcia e a mãe estavam certas de que tudo corria bem.

Chegou a véspera do grande dia e o prior mandou chamar todas as crianças à igreja, para dizer definitivamente quais as que comungariam. Qual não foi o desgosto da menininha quando o bom padre a chamou e, acariciando-a, lhe disse que era muito criança e que tinha de esperar pelos sete anos! Aturdida, Lúcia saiu da sacristia, sentou-se cabisbaixa num dos bancos da igreja e começou a soluçar.

Aconteceu nesse momento que um sacerdote que viera de Lisboa para ajudar o pároco a ouvir as numerosas confissões — o Padre Cruz* —, atravessou a igreja, percebeu o desespero da menina e, detendo-se, perguntou-lhe por que chorava. Ouviu-lhe a história, levou-a à sacristia e examinou-a a respeito da doutrina

* O padre Francisco Rodrigues da Cruz faleceu com fama de santidade, aos 89 anos de idade, em outubro de 1948. Ficou conhecido popularmente como «o santo Padre Cruz» (N. do E.).

e do mistério da Eucaristia; depois, levou-a pela mão ao prior e disse-lhe:

— Pe. Pena, V. Revcia. pode deixar esta pequena comungar. Ela entende melhor o que faz do que muitos desses.

— Mas só tem seis anos! — objetou o pároco.

— Não importa! Essa responsabilidade, se V. Revcia. quer, tomo-a eu³.

Era um homem bondoso e humilde, mas enérgico, e o prior cedeu. A menina voltou radiante para casa e a mãe começou imediatamente a prepará-la para confessar-se naquela mesma tarde.

Ao chegar à igreja, Lúcia disse à mãe que queria confessar-se com aquele padre de fora, e foi no confessional móvel que o Padre Cruz ouviu a sua primeira confissão. Que graça imensa! O famoso pregador era considerado por muitas pessoas em Portugal como um verdadeiro santo, e dificilmente deixava de comunicar uma pequena chispa do seu amor de Deus a quem quer que com ele conversasse, mesmo que fosse uma criança. Era um homem alto, dos seus cinquenta anos, um pouco curvado devido aos estudos e às austeridades. Quando Lúcia acabou de contar as suas faltas, ouviu-o fazer-lhe uma recomendação em voz baixa e, depois de prometer cumpri-la, rezou o ato de contrição, recebeu a absolvição e voltou para junto da mãe. Foi então que percebeu que todos à sua volta se riam.

— Minha filha — disse-lhe a mãe, que parecia embaraçada —, não sabes que a confissão se faz baixinho, que é um segredo? Toda a gente te ouviu!

Só no fim disseste uma coisa que ninguém soube o que foi⁴.

Lúcia baixou a cabeça e não disse palavra.

No caminho de regresso, a mãe fez várias tentativas para ver se descobria o que fora que a filha conversara com o padre no fim.

Silêncio obstinado.

— Qual foi a última coisa que lhe disseste?

Nada de resposta!

Maria Rosa nunca chegou a saber do segredo. Lúcia foi sempre uma criança reservada. Ao perceber que alguém procurava fazê-la falar, refugiava-se num silêncio taciturno que chegava a ser exasperante.

Só muitos anos mais tarde, ao relatar as suas memórias, é que referiu o que se passou nessa primeira confissão:

«O bom sacerdote, depois de me ter ouvido, disse-me estas breves palavras:

«— Minha filha, a sua alma é templo do Espírito Santo. Guarde-a para sempre pura, para que Ele possa continuar nela a sua ação divina.

«Ao ouvir estas palavras, senti-me penetrada de respeito pelo meu íntimo e perguntei ao bom confessor como devia fazer:

«— De joelhos, aí, aos pés de Nossa Senhora, peça-lhe com muita confiança que tome conta do seu coração, que o prepare para receber amanhã dignamente o seu querido Filho, e que o guarde para Ele só»⁵.

Havia na igreja mais de uma imagem de Nossa Senhora. Mas, como as irmãs de Lúcia cuidavam do altar de Nossa Senhora do Rosário, a menininha tinha

por costume ir rezar diante dessa. «E por isso lá fui também dessa vez. Pedi-lhe, pois, com todo o ardor de que fui capaz, que guardasse, para Deus só, o meu pobre coração. Ao repetir várias vezes esta humilde súplica, com os olhos fitos na imagem, pareceu-me que ela sorria e que, com um olhar e gesto de bondade, me dizia que sim»⁶.

Naquela noite, as suas irmãs trabalharam até tarde nos preparativos para o grande acontecimento da sua vida. O vestido novo, todo branco, precisava ser ajustado. Uma grinalda de flores entrelaçadas devia coroar-lhe os cabelos negros. E, quando, finalmente, a mandaram para a cama, foi incapaz de dormir, pensando em tudo o que havia acontecido e no que iria acontecer. E se por acaso ninguém a acordasse, na manhã seguinte, para a Missa? Levantava-se a todo o instante para perguntar que horas eram. Parecia que a madrugada nunca chegava.

Por fim amanheceu, e Maria, a irmã, veio chamá-la, deu-lhe os últimos retoques no vestido e na grinalda e levou-a aos pais para que lhes pedisse perdão pelas suas faltas, lhes beijasse as mãos e lhes pedisse a bênção. A menina obedeceu e eles a abençoaram.

A mãe disse-lhe o que queria que pedisse ao Senhor quando o tivesse no seu peito e despediu-se dela com estas palavras:

— Sobretudo, pede a Nosso Senhor que te faça uma santa.

Foram palavras — conta Lúcia — «que se me gravaram tão indeléveis no coração, que foram as primeiras que disse a Nosso Senhor logo que o recebi. E ainda

hoje me parece ouvir o eco da voz da minha mãe, a repetir-mas»⁷.

E lá foi a caminho da igreja, com as irmãs. Para não se manchar com o pó do caminho e sobretudo para não se atrasarem, porque já era tarde, o irmão tomou-a nos seus braços fortes e carregou-a assim até chegarem.

Não era necessária tanta pressa. Alguns dos padres convidados, que vinham de lugares distantes, ainda não haviam chegado e a Missa cantada demorou algum tempo a começar. Isso deu oportunidade a Lúcia de ajoelhar-se mais uma vez diante da imagem de Nossa Senhora do Rosário e pedir-lhe o que a mãe lhe recomendara:

— Fazei-me uma santa! — murmurou —. Por favor, pedi a Nosso Senhor que me faça uma santa!

Como na véspera, pareceu-lhe que o semblante da Virgem se distendia num sorriso de assentimento. Ela não é a única a relatar essa experiência, diante de uma imagem ou uma gravura; Santa Teresinha do Menino Jesus, entre tantos outros, experimentou o mesmo. Ao relatar o acontecimento, Lúcia não se preocupou muito com o que os teólogos consideram critérios de veracidade. «Não sei se os fatos que acabo há pouco de contar da minha Primeira Comunhão foram uma realidade ou uma ilusão de criança», escreveu com simplicidade quando o Bispo de Leiria lhe ordenou que confiasse ao papel as suas experiências espirituais. «O que eu sei é que eles tiveram sempre, e têm ainda hoje, uma grande influência na união da minha alma com Deus»⁸. Permaneceu tanto tempo de olhos fixos

na imagem sorridente da véspera, que as suas irmãs tiveram de ir buscá-la para que tomasse o seu lugar na procissão que já se estava formando.

Lúcia era a mais pequena das crianças, que se alinhavam em quatro longas filas, duas de meninas e duas de meninos; foi a primeira a comungar. Quando o sacerdote depositou a Hóstia branca sobre a sua língua, sentiu, segundo as suas próprias palavras, «uma serenidade e uma paz inalterável». Dirigiu-lhe então as suas súplicas: «Senhor, fazei de mim uma santa, guardai o meu coração sempre puro, para Ti só».

E pareceu-lhe ouvir distintamente que Ele lhe dizia: «A graça que hoje te é concedida permanecerá viva em tua alma, produzindo frutos de vida eterna»⁹.

A função religiosa só terminou perto da uma da tarde, porque o sermão fora longo e as crianças tinham demorado muito tempo a renovar as promessas do Batismo. Quando, finalmente, debandaram, saíram em tropel da igreja e formaram pequenos grupos, conversando em voz alta, algumas já mastigando os alimentos que as mães haviam trazido. Lúcia permaneceu ajoelhada na igreja, envolta na luz azul e rosácea irradiada pelos vitrais. A mãe ficou alarmada, receando que a menina fosse desmaiar de fome, e trouxe-a para fora. Mas quando chegaram a casa, a criança mal pôde comer. Estava fortalecida com o Pão dos Anjos, como se nenhum outro alimento a pudesse atrair e satisfazer jamais. E, durante muito tempo, bem além do que os outros pudessem ter observado, permaneceu absor-ta, abstraída, como que deslumbrada. «Perdi, desde

então, o gosto e atrativo que começava a sentir pelas coisas do mundo, e só me sentia bem em algum lugar solitário, onde pudesse, sozinha, recordar as delícias da minha Primeira Comunhão»¹⁰.